Memórias e narrativas em alta tensão: o processo de terceirização na Companhia Energética de Minas Gerais a partir dos anos 1990.

Waldece Wagner Alexandre de Sousa (PIBIC/Fundação Araucária/UEPG), Robson Laverdi (Orientador), wagnerdisousa@gmail.com: laverdi.robson@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de História.

História / História Regional do Brasil

Palavras-chave: Experiência, trabalhadores, terceirização.

Resumo

A pesquisa buscou discutir o processo de terceirização das relações de trabalho dentro da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) a partir das narrativas de trabalhadores contidas no documentário “Dublê de Eletricista”. Entende-se que a obra fílmica revelou elementos das transformações nas relações de trabalho após os anos 1990. Observado estes indícios, a experiência dos trabalhadores foi tratada como fio condutor para se pensar o processo de terceirização mediante tais transformações.

Introdução

A presente pesquisa buscou discutir o processo de terceirização das relações de trabalho dentro da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG) a partir das narrativas de trabalhadores contidas no documentário “Dublê de Eletricista”[1]. A obra fílmica foi produzida pelo Sindicato dos Eletricitários de Minas Gerais (SINDIELETRO-MG) em parceria com Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST) e Ministério Público do Trabalho (MTP).[2] O filme contou com a direção e produção do jornalista Benedito Maia e do economista Carlos Machado, técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

O documentário foi lançado em 2 de outubro de 2015 na Assembleia Legislativa de Minas Gerais durante uma audiência da Comissão de Direitos Humanos. A obra buscou abordar a temática da terceirização no setor elétrico na perspectiva dos trabalhadores. Apresenta-se em 20:39 minutos diversas entrevistas com trabalhadores do quadro próprio da CEMIG e do eletricista terceirizado Lucio Nery de Souza. Tendo como destaque o relato do acidente de trabalho que vitimou Lucio e o deixou mutilado.

O acidente ocorrido em 2015 de um terceirizado levou a pesquisa a refletir sobre as origens dessa modalidade de trabalho. Logo, tem-se registro desse tipo de atividade terceirizada nessa configuração a partir da década de 1990. Não por acaso é nesse período que ocorre profundas transformações nas relações de produção. Trata-se da aplicação de uma agenda neoliberal. Por neoliberalismo, a pesquisa entende o que postula Pery Anderson, tratando-se de um esvaziamento do Estado nos gastos sociais e nas intervenções econômicas e um Estado forte na capacidade de eliminar a capacidade dos sindicatos e de articulação dos trabalhadores. Tendo a

[1] Foi o vencedor da Mostra Internacional Cine Trabalho: 2016 Awards – Brazilian International Labour Film.
[2] O Documentário foi financiado com recursos provenientes de multa, conforme inquérito civil nº 001777.2013.15.000/4 – 03.

meta orçamentária como prioridade, reduzindo os gastos com o bem-estar e normatizando uma taxa "natural" de desemprego.

Atualmente a CEMIG é uma *holding*[3] que gerencia 175 sociedades, 15 consórcios e 2 Fundos de Investimentos em Participações (FIPs) em 22 estados brasileiros além do Distrito Federal. A principal área de atuação é a geração, transmissão e distribuição de energia elétrica, além de ter participação relevante nos setores de gás e telecomunicações.[4]

A Estatal é uma sociedade de economia mista normatizada pela lei 6.404/76, os Artigos 36 e 173 da Constituição Federal de 1988, a LC (Lei Complementar) 101/00 e a lei 13.303/16. Nesse caso, o Estado de Minas Gerais é detentor de 62% das ações, o restante, 38% pertence ao setor privado. Nessa modalidade os trabalhadores do quadro próprio da empresa são contratados via concurso público, porém não são registrados como estatutários. Conforme o artigo 173, 1º parágrafo, inciso II, a sociedade de economia mista está sujeita ao regime jurídico do setor privado. Sendo assim, os trabalhadores são contratados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). O que difere o trabalhador do quadro próprio para o terceirizado, essencialmente, são os acordos coletivos conquistados pela luta sindical.

Revisão de literatura

A pesquisa faz uso da crítica ativa do materialismo histórico presente em E. P. Thompson. O historiador inglês contribui para a pesquisa na medida em que propõem uma abordagem não determinista. Mas incentiva a investigação da *experiência* no processo de formação da *consciência social* dos agentes circunscritos em uma *classe* que esteja em oposição a outra dentro de uma estrutura produtiva.

O conceito de *experiência* dentro da perspectiva thompsiana desdobra-se em experiência I (experiência vivida) e experiência II (experiência percebida). Sendo a primeira, resultado das causas materiais que ocorrem independente da consciência ou da intencionalidade. Já a experiência II, refere-se aquilo que se apreende da primeira de forma a ser limitado pela a cultura que permeia o indivíduo. Trata-se da consciência que se desenvolve não necessariamente do experimentado, mas do que foi possível entender ou perceber dentro da estrutura cultural vivida. É a experiência II que remete a *consciência social* que geralmente é o conceito utilizado por outros pensadores marxistas.

Para Thompson as mudanças históricas só se explicam com alguma racionalidade na articulação entre experiência I e experiência II[5]. Dessa forma a concepção de experiência torna-se um conceito mediador. De um lado o ser social (experiência I) e do outro a consciência social (experiência I). O que traz um caráter de determinação determinada. Assim, o indivíduo é autor de sua história, porém dentro de uma determinada esfera de possibilidades relacionada ao meio de produção. Essa dialética permite compreender o "fazer-se",[6] esse elemento constitutivo da classe trabalhadora. Onde, ao mesmo tempo que o homem é feito ele também se faz tomando posse de uma autonomia, mesmo que limitada. Desse

[3] Segundo Borges e Macedo (2007), o termo *holding* é utilizado para caracterizar uma empresa que tem por objetivo gerenciar um grupo de empresas da qual ela é acionista, geralmente utilizando o formato de sociedade anônima, o mesmo sentido também se aplica a "empresa mãe" ou SGPS (Sociedade Gestora de Participação Social).

[4] As informações foram extraídas do relatório anual da empresa disponível em: <http://ri.cemig.com.br/fck_temp/28_27/file/RAS%20Port%202018_red.pdf> acesso em: 25/03/2018.

[5] THOMPSON, E. P. op. cit., 1981, p. 406.

[6] THOMPSON, 1987

modo, a pesquisa recorreu a estes elementos analíticos para se discutir a temática proposta; não na perspectiva de tentar enquadrar o conjunto de fontes em conceitos, mas utilizando dessa abordagem para melhor compreende-los.

Resultados e Discussão

Observa-se que durante todo o documentário o nome da CEMIG não é mencionado, sempre que se refere a Estatal os trabalhadores utilizam o termo subsidiária. As logomarcas da CEMIG também são suprimidas via desfoque, seja nos carros ou nos uniformes. Não fica clara a razão de tal postura, a pesquisa não encontrou nenhuma legislação que proibisse a exibição ou mesmo a menção do nome. Parece-me que essa postura denota um certo medo de represarias ou um profundo cisma entre a produção do documentário com a Estatal.

As narrativas contidas no documentário possuem confluências em alguns momentos, mas também demonstram diferentes percepções da realidade. Por exemplo, os trabalhadores do quadro próprio, veem o serviço terceirizado como algo tão ruim, mas tão inferior que a conclusão deles é que a opção por entrar nas empreiteiras é apenas por sobrevivência. Isso pode ser verdade, mas no caso específico do Lúcio, ele realmente queria ser um eletricista por admirar a profissão. Ele não mensurava a diferença entre ser terceirizado e ser do quadro próprio. Foi a prática, já trabalhando que lhe permitiu tomar consciência disso.

Um outro aspecto observável, trata-se de como Lucio se reconhece como dublê de eletricista. Parece-me que a comparação com o trabalhador do cinema, que faz as cenas perigosas no lugar dos protagonistas famosos, é resultado de uma profunda reflexão. Trata-se da consciência histórica que o trabalhador desenvolveu na vivencia prática. A leitura que ele conseguiu fazer a partir da experiência, representa principalmente como ele se sente em relação ao outro trabalhador que pertence ao quadro próprio. Os eletricistas, sob a mesma legislação, ambos celetistas, porém em situações sócio econômicas distintas que só se explicam quando observada as mudanças dentro da lógica produtiva.

A expansão da terceirização dentro da lógica neoliberal contribuiu para a desarticulação e desorganização dos eletricitários. Dessa forma, promovendo um agudo enfraquecimento do sindicato. Nesse sentido vale salientar que o documentário foi também uma ferramenta de contestação dessa ordem vigente pelo sindicato da categoria. Tratou-se também de uma maneira de denunciar e questionar a política de terceirização.

Conclusões

O documentário levanta questões pertinentes acerca da terceirização. Dentre elas, destaca-se a ausência de treinamento adequado para os eletricistas e a ausência de quantidade necessária de pessoal acordada em contrato. Uma lógica de trabalho que estressa a força produtiva até o limite e muitas das vezes além do limite o que incorre em graves acidentes de trabalho como o de Lucio Nery, além de vítimas fatais.

As narrativas dos eletricistas contidas no documentário encontram total fundamentação nos números obtidos pela pesquisa em documentos oficiais e em diálogo com outras pesquisas correlacionadas. O que nos permite afirmar que não se trata de mera causalidade, é um projeto político que desconsidera o valor da vida em prol da rentabilidade. Que neste contexto se aproveita da necessidade que o indivíduo tem na procura do trabalho para a exploração, nesse caso, uma exploração observada pelo Estado, que se retira dessa relação como parte e permite

uma relação selvagem entre empreiteiras e trabalhadores. Existe ainda um caráter de assolação afetiva nas relações de trabalho nas terceirizadas. Porque em certa medida, trabalhar na empreiteira é também trabalhar na subsidiária em uma estrutura de sentidos que foi construída no processo de consolidação da Estatal em Minas Gerais. No uniforme, os trabalhadores terceirizados levam também a marca da CEMIG. Isso confunde e gera expectativas que não se confirmam no dia a dia. Trata-se também de um estelionato de sonhos.

Agradecimentos

Agradeço a UEPG e a Fundação Araucária por ter possibilitado mais este trabalho, ao orientador pelas dedicação e comprometimento e a família pela apoio e compreensão.

Referências

ALVES, Giovanni Antonio Pinto; ARAÚJO, Renan. **Thompson, Lukács e o conceito de experiência-um diálogo mais que necessário.** Revista Mundos do trabalho, p. 53-73, 2013.

AMORIM, Helder Santos. **Terceirização no serviço público.** 2008. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho. Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho,** v. 7, 1995.

BARROS, José D.'Assunção. **Cinema e história–considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas.** Comunicação & Sociedade, v. 32, n. 55, p. 175-202, 2011.

BORGES, António Mendo Castel-Branco; DE MACEDO, João Carlos M. **Sociedades gestoras de participações sociais: aspectos jurídicos, fiscais e contabilísticos.** 2007.

FIGUEIREDO, Igor Silva et al. **A terceirização em alta voltagem na Cemig: crônica da degradação do trabalho**. 2015.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Vozes, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** TupyKurumin, 2006

HOBSBAWM, Eric. PIERRE BOURDIEU Sociología crítica e historia social. New left review, v. 101, p. 40, 2016.

MATTOS, Marcelo Badaró. **EP Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico**. Editora UFRJ, 2012.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. Editora Expressão Popular, 2009.

MOTTA, Márcia MM. **História, memória e tempo presente.** In CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo, Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Campus, p. 21-36, 2012.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaios de história oral.** São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena.** Rio de janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa.** Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.